

## NEO-FRENOLOGIA DAS CORPORALIDADES GORDAS: UMA JUSTIFICATIVA MORAL NA IMPOSIÇÃO DE UMA SAÚDE MACHO-FASCISTA DOS CORPOS PERIFÉRICOS.

*Salomón Morales*  
Licenciado em Geografia – UFMT  
E-mail: [salomonmoralescano@gmail.com](mailto:salomonmoralescano@gmail.com)

*Maria Luisa Jimenez Jimenez*  
Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea – UFMT  
Pós doutoranda em Psicossociologia – EICOS - UFRJ  
E-mail: [malujjimenez@gmail.com](mailto:malujjimenez@gmail.com)

*Simpósio Temático nº XXX – PESQUISA GORDA*

### RESUMO

A gordofobia é um problema estrutural e institucional que engloba corpos gordos, e a patologização destes pelas ciências da saúde, que culpa e acusa os gordes por se recusarem a adotar estilos de vida “saudáveis”, negando-lhes o direito de viver na liberdade de ser e estar, assim como de ocupar espaços e territórios como corpos negados e insurgentes. São medidos e pesados, mensurados, condenados a uma inferioridade moral por habitar em corpos “doentes”, determinados a sofrer exclusão da sociedade. Uma sociedade que passa a acolher em nome do fascismo científico o papel de policial-médico, que em nome do deus ciência, censura e reprova a pessoa gorda dando-se ao direito moral de falar para os gordes da sua “imoralidade”. Lembremos da história da medicina, assim como da geografia, quando na justificativa de inferiorizar aos corpos periféricos do século XIX e XX com a Nefrologia, e a medição do crânio, que determinavam que certas medidas matemáticas fossem suficientes para a patologização dos corpos negros, corpos periféricos, como intuito de apropriar-se em nome da ciência-capital de tudo quanto tinham, sendo assim como a ciência capital atua na medição dos corpos e seu determinismo matemático-fascista de uma Neo- Nefrologia das Corporalidades Gordas.

**Palavras-chave:** Geografia. Saúde. Corporalidades gordas. Neo- Nefrologia.

### ABSTRACT

Fat phobia is a structural and institutional problem that encompasses fat bodies, and the pathologization of these by the health sciences, which blames and accuses fat people for refusing to adopt “healthy” lifestyles, denying them the right to live in the freedom of being and being, as well as occupying spaces and territories as denied and insurgent

bodies. They are measured and weighed, measured, condemned to a moral inferiority for living in "sick" bodies, determined to suffer exclusion from society. A society that accepts, in the name of scientific fascism, the role of medical policeman, who, in the name of science god, censors and reproaches fat people, giving themselves the moral right to speak to fat people about their "immorality". Let us remember the history of medicine, as well as geography, when justifying the inferiority of peripheral bodies in the 19th and 20th century with Nephrology, and the measurement of the skull, which determined that certain mathematical measurements were sufficient for the pathologization of black bodies, bodies peripherals, with the intention of appropriating in the name of capital-science everything they had, as capital science acts in the measurement of bodies and its mathematical-fascist determinism of a Neo-Nephrology of Fat Corporalities.

**Keywords:** Geography. Health. Fat bodies. Neo-Nephrology.

## 1. INTRODUÇÃO

No momento atual muitas disciplinas científicas desenvolvidas no passado são consideradas como não válidas, superadas, porém muitas delas já tiveram uma grande aceitação pela comunidade acadêmica/científica, como são o caso da frenologia, a craniometria, a demografia racial. Assim como, a antropologia criminal, que tiveram grande impacto na comunidade científica e que curiosamente são teorias que entravam no debate das áreas de conhecimento tanto da geografia médica, como na geografia da saúde, como aliadas na divulgação e concretização das ideias que essas teorias defendiam.

Neste aspecto, queremos destacar que todos esses estudos têm como denominador comum a utilização do conceito raça-corpo como fator determinante, como aponta o autor Aníbal Quijano com a *Colonialidade do poder e a classificação social*. (2015), assim como *A colonialidade do poder, euro-centrismo e América Latina*. (2005), em que Quijano demonstra a colonialidade do poder epistemológico, principalmente com a invenção da raça e a hierarquização da sociedade, que favorece o lugar central de universalização de análise do homem branco heteronormativo em seu ser e saber, e determina apenas um corpo válido e aceito socialmente, assim como, o discurso científico hegemônico e válido em nossa sociedade.

A mão que segura o martelo do capital, que forjou a modernidade e estruturou o racismo e suas inúmeras desigualdades, as mesmas que castigam aos corpos não binários,

e hierarquizam nossa sociedade. Esse processo vamos chamar aqui de “Patriarcado-macho-fascista”, o qual entendemos como ferramenta de dominação, sustentado pelo poder econômico hegemônico forjado na construção do social, garantindo que seu legado patrimonialista perdure como único discurso válido até os dias atuais.

Todas as disciplinas citadas acima estão intrinsicamente ligadas a ciências da saúde, medicina e seus avanços científicos, e principalmente na criação de um novo deus, o deus da ciência branca e eurocêntrica, que foi esculpida na crença matemática da perfeição das coisas, no controle dos corpos e da padronização do mundo, a sua imagem e semelhança, de um deus ciência, que carrega as falsas moralidades dos deuses mortos que de forma positivista mede e mensura nossos corpos na procura da máquina perfeita e produtiva, concebida numa moralidade socialmente aceita.

Estas disciplinas são muito semelhantes em seus “*modus operandi*” para sustentar discursos de que a ciência branca masculina e eurocêntrica determina que: todo gordo é doente, todo negro é inferior, toda mulher-puta é perigosa, todo ser não binário é uma fraqueza para nossa sociedade branca e “pura” mantenha -se como único saber, corpo, raça possível e verdadeiro. O que queremos dizer é que todas estas disciplinas sustentaram seu discurso em medições matemáticas e cromáticas dos corpos periféricos, sendo aprovadas pelas sociedades modeladas construídas do capitalismo patriarcal.

Da mesma maneira que estes estudos nascidos nos séculos XIX e XX, o Índice de Massa Corporal (IMC) e aceite pela Organização Mundial da Saúde (OMS) determina que um corpo é doente se não está enquadrado em uma base matemática que condiciona a uma ampla maioria da população a padecer de uma doença, e que da mesma forma que no passado o deus ciência condenou a aqueles que não cumpriam com estas medidas -em sua maioria negros, periféricos, mulheres, indígenas - recolhidas na perfeição da ciência, nos leva a pensar que poderíamos chamar esse cálculo que patologiza pessoas gordas de uma Neo-frenologia dos corpos gordes no mundo contemporâneo.

Estes corpos serão condenados ao inferno real a não ser e estar, perseguidos por uma sociedade munida de uma moralidade judeu-cristã que sustenta o Patriarcado-macho-fascista, alimentado pelos conglomerados midiáticos que divulga a verdadeira verdade, e sinala a culpabilidade do corpo gorde como inferior, imoral, sem direito e portanto, interdito. Esta condena é física geograficamente, impedindo o acesso destes

corpes a sentarem em uma cadeira confortável, negando seu acesso a espaços públicos, teatros, cinemas, hospitais, escolas, etc.

É moral por que condena o gorde a um exílio dentro da própria sociedade, como no passado foram condenadas as corporeidades não aceitas pela sociedade patriarcal positivista, por não se enquadrarem em uma equação matemática ditada pelo deus ciência, divulgado pela mídia e sustentado por uma sociedade policial (VEIGA-NETO ET AL,2017), que coloca a culpabilidade nos corpes gordes, obrigando-os a enquadrarem-se na disciplina matemática de um corpo aceite, sendo devorados pela maquinaria capitalista que se deleita com o manjar destes corpes, que movimentarão bilhões de dólares em cirurgias, dietas, academias, indústria farmacêutica, etc.

### **NEO-FRENOLOGIA DOS CORPOS GORDES**

Para entender o processo de patologização precisamos analisar a gordura desde uma visão diferente do que a concepção da mesma no mundo capitalista e neoliberal, já que percebemos que este processo tem um passado atrelado às colonialidades no Brasil, e que para Mignolo (2005), Quijano (2005), Lugones (2018) a uma colonialidade do poder, do saber, do ser e do gênero, esta forma de olhar para aquele que não se encaixa no padrão técnico científico ocidental, um controle do conhecimento e da verdade que modela o rumo da sociedade e seu pensamento único, e que para Veiga-Neto et al, (2017) estes corpes periféricos precisam ser controlados e adequados, perseguidos e punidos, uma ação coordenada pelo capital-patriarcal e eurocêntrico, que controla o meio mediático e técnico-científico, em que transformam estes corpes em objetos públicos, onde o “vigiar e punir” toma novo significado, onde o papel do estado patriarcal e repressor dos corpes e mentes através do aparelho policial no controle dos corpes, é delegado na sociedade que acaba cumprindo esse papel, em que qualquer pessoa sente-se na obrigação de falar sobre as corporalidades gordas: - você é gordo, olha até é bonito de rosto, minha sobrinha fez a dieta do limão e deu certo. A própria sociedade como mecanismo de controle dos corpes que não são magros, brancos e heteronormativos.

A questão da perseguição aos corpes que tem gordura tenha sido recentemente catalogada como “epidemia” pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2021), há três décadas está no olho do furacão dos governos e agências de saúde pública de as organizações nacionais e internacionais dos países

Para Harjunen, (2017) consequentemente, toda a maquinaria técnica, científica e mediática articulou ações e políticas públicas para erradicar essa epidemia, o que aumentou a demonização da gordura, culpando pessoas gordas por destruírem e abusarem dos sistemas públicos de saúde, devido à suas irresponsabilidades e falta de autocontrole.

Neste sentido, percebemos características similares utilizadas pela medicina para catalogar estes corpos, como já foram as metodologias desenvolvidas pela frenologia, e a medição dos crâneos para justificar o racismo científico a inferioridade dos negros e outros corpos não brancos.

Com a medição do Índice de Massa Corporal (IMC)

(...) que es un indicador simple de la relación entre el peso y la talla que se utiliza frecuentemente para identificar el sobrepeso y la obesidad en los adultos. Se calcula dividiendo el peso de una persona en kilos por el cuadrado de su talla en metros (kg/m<sup>2</sup>). (OMS, 2021)

Aqui observamos como o discurso da saúde é movimentado pelo interesse econômico, como já foi no passado na justificativa de mão de obra barata para o capital e expropriação de terras e países destes seres selvagens e inferiores com laudo da ciência medica.

Neste aspecto diferentes estudos acadêmicos/científicos têm questionado o tom alarmista e as declarações oferecidas pelos poderes mediáticos, técnico e científico, Campos et al. (2006) afirma que o discurso da “epidemia de obesidade” foi construído como um pânico moral com o intuito de uma construção policial da sociedade, no controle desses corpos.

A voz da medicina transmite às instituições e à sociedade que o gorde é uma pessoa que tem um corpo anormal, excessivo e insalubre, mais morto do que vivo, menos humano, e assim como no século XIX estes corpos associados ao conceito da “Obesidade” cria um fenômeno ou grupo humano que é estereotipada e marcada como uma ameaça aos valores sociais (COHEN, 2002). A mídia de massa contribuiu para divulgar rapidamente informações sobre a epidemia obesidade e apresentar dados e

argumentos de forma sensacionalista e tendenciosa, argumentada nos riscos para a saúde e o medo social.

Neste processo de patologização das pessoas gordas teve para Campos et al. (2006) o aumento da porcentagem global de pessoas gordas, este olhar está relacionado as mudanças nos parâmetros que estabelecem “sobrepeso” e “obesidade” de acordo com a fórmula do Índice de Massa Corporal (IMC), que realizou autoridades médicas americanas em 1998, esta transformação gerou uma Neo-frenologia dos corpos gordes.

Este processo para Campos et al. (2006) não teria sido possível sem a ajuda do lobby médico que apoiou esta modificação, e que foi baseada em algumas evidências científicas para afirmar que as pessoas “acima do peso” enfrentaram a um risco aumentado de comorbidade e que a gordura aumentaria as taxas de mortalidade.

Não é casualidade que o capital apoie interesses corporativistas, e que da noite para o dia milhões de corpos são declarados doentes, como no passado este tipo de argumentos para a colonização da África e Ásia pelo capital internacional, teve muita aceitação pela sociedade, quando justifica-se a inferioridade do outro, e fomenta-se a superioridade da raça em princípios científicos, neste caso a Neo-frenologia dos corpos gordos que é o (IMC), articula-se na mesma direção, aproveitar o controle do discurso mediático, sustentado na ciência médica, e aceite por uma sociedade individualista e meritocrática que precisa sentir uma superioridade fascista, colocando a estrela de Davi no peito do vizinho<sup>1</sup> sentindo-se na obrigação moral de colocar publicamente sua opinião como verdade ao me marcar e falar: GORDO. (Num tom de ódio, xingamento).

Neste ponto, entendemos que as sociedades capitalistas de hoje promovem uma cultura da magreza de consumo como forma de controle (WOLF, 2018). E como a ciência ajudou esta ideologia com o desenvolvimento da medicina como mercadoria para alcançar o paradigma do corpo perfeito. O poder econômico no passado precisou

---

<sup>1</sup> A estrela de Davi serviu para identificar os judeus na Alemanha Nazista.

inferiorizar os outros com o intuito de roubar terras e recursos, controlar mercados e acumular poder, para dar manutenção do *status quo* do Capital-macho-fascista.

Hoje, temos uma sociedade de consumo individualista que oferece inúmeras possibilidades para o mercado, e para conquistar alguns mercados precisa-se de uma sustentação técnico-científica que corrobore essa necessidade, como aconteceu no passado com a criação de saberes científicas que corroboravam a inferioridade dos negros.

É por isso que a Neo-frenologia dos corpos gordos é criada, com o intuito de abrir novos mercados de consumo que movimentarão ingentes quantidades de divisas, percebemos como a ciência serve como ferramenta de poder e controle, na dominação do pensamento social, em um exército de seres panópticos alimentado pelo medo de não ser como aquele que leva a estrela amarela no braço. O fascismo como base, é alimentado pelo suporte mediático, e com o aval científico transformam milhões de seres humanos em doentes, que serão perseguidos, maltratados, mutilados, e a pior das consequências a exclusão física, social e moral dessa sociedade.

## **1.2 O corpo gorde não cabe neste espaço geográfico fascista**

O Patriarcado-macho-fascista que rege nossa sociedade tem como pilar de sustentação o medo, e para articular este motivador social precisa da criação de inimigos internos, aqueles que são diferentes do mito criado pelo poder, quando a vítima é identificada pelo conglomerado empresarial, uma imensa maquinaria é movimentada para disciplinar estes corpos, que fogem do ideal fascista, o intuito não é mais a destruição destes corpos, e sim sua rendição ao padrão moral ditado pelo capital.

Para modelar os corpos gordes a disciplina geográfica tem uma experiência em servir durante toda sua trajetória científica ao capitalismo patriarcal ocidental e fascista, não é por acaso que uma das categorias de análise desta disciplina científica seja o espaço geográfico, ao analisar detidamente esse espaço podemos controlar minuciosamente a interação dos seres humanos com o meio, não somente social, assim como material e moral, para servir aos interesses do fascismo.

Na Alemanha nazista e na Itália de Mussolini, a utilização desta categoria foi fundamental para a domesticação da sociedade e sua intrínseca colaboração com estes regimes, quando conectamos a globalização das ideias de um fascismo global, os

inimigos internos tornam-se corpos periféricos que desafiam o pensamento unificado pelos conglomerados empresariais, que controlam cada governo, e o destino da humanidade.

Estes inimigos de hoje são os corpos gordes, os corpos não binários, esses corpos periféricos que são inimigos internos do fascismo global, e que como no passado lutaram no cotidiano do lugar, de um espaço geográfico em disputa e como diria (SANTOS,2011) "o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de ações" onde os corpos gordes surgem como forma resistência da "a força do lugar", como resultado deste contraponto, a gordofobia nasce deste conjunto, e a luta contra ela dá "força do lugar".

Como homem gordo e branco, este fascismo global apresenta-se em uma baixa intensidade para mim, porém para outros corpos gordes não binários e não brancos é muito diferente. E, é por isso que o inimigo interno é gorde, porque não é consumível, não é estético para o padrão fascista de corpo. Assim como, na Alemanha nazista estes corpos vão ser perseguidos e impedidos de viver sem serem constrangidos e acusados de serem imorais, até aceitar sua conversão ao fascismo estrutural, transformando-se em fascistas propagadores do discurso hegemônico meritocrático e de obediência.

Para Veiga-Neto et al, (2017) o capitalismo global utiliza a ciência medica como ferramenta de controle através do medo que é tão importante para modelar opiniões públicas, aqui a gordofobia toma corpo no panóptico social como agente regulador do discurso. Aqui começa a resistência destes corpos que no cotidiano resistem ao avanço do Patriarcado-Macho-Fascista em todos os lugares do espaço geográfico.

Segundo Ribeiro (2019), do lugar de fala sai a força da luta contra o estigma social da gordofobia, que engloba este conjunto de elementos em movimento que é o espaço geográfico, e que diz isso não é a Organização Mundial da Saúde - OMS, é o corpo gordo que sofre esse estigma, essa perseguição social, moral e espacial.

### A gordofobia é

Um preconceito com pessoas gordas é uma discriminação que leva a exclusão social e por tanto nega acessibilidade as pessoas gordas. É um estigma estrutural e cultural, reproduzido em diversos espaços e contextos sociais na sociedade. Esse prejulgamento a desvalorização, humilhação, inferiorização e restrições aos corpos gordos em geral. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p. ???)

Se é estrutural e cultural, este estigma está presente em todos os lugares, em todas as relações macho-natureza- sociedade, como sinala em seu trabalho (Jimenez-Jimenez, 2020), em que cita pesquisas que aparecem (G1, 2019) que mostram que 7 em cada 10 empresas no Brasil não empregam pessoas gordas em suas vagas de trabalho. Em concursos públicos 08 de cada 10 aprovados enfrentam dificuldades para assumir cargos, mesmo sem nenhum problema de saúde.

A gordofobia gera uma perda de direitos fundamentais, porém não são todos os corpos gordos que sofrem por igual, quando falamos de gordofobia quem mais sofre suas consequências são os corpos periféricos, mulheres negras, e corpos não binários, neste sentido a gordofobia intensifica outros problemas sociais como o racismo, pobreza e lgbtfobia.

O poder mediático ao serviço dos interesses econômicos e patriarcais são um claro exemplo de propagador a violência moral da gordofobia, e principalmente de uma gordofobia contra a mulher, uma mulher periférica, com o discurso binário de beleza e saúde, neste aspecto para Wolf (2013) a sexualização do corpo da mulher joga um papel importante como forma de controle, com a criação de corpos desejáveis, como os criados pela indústria pornográfica, neste aspecto os corpos gordos não servem a este propósito,

Nos comerciais, novelas, jornais, revistas etc., os corpos gordos são ridiculizados e associados ao fracasso, incapacidade, desonestidade e sofredores em dietas sem êxito. Em geral recebem falas olhares e falas de desaprovação por existirem e, por isso, acabam por ser penalizados e evitados a qualquer custo. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020)

A mídia ridiculariza e censura estes corpos e justifica isto na ditadura científica da medicina, como santo graal da moralidade disciplinadora dos corpos gordos, trazendo consequências nefastas para este grupo de pessoas.

Existe uma lacuna nos estudos da “obesidade”, em levantar questionamentos sobre qual caminho estamos seguindo nessa questão de transformar todo corpo gordo em doente, anormal e patológico. Essa obsessão na busca pelo corpo magro leva a um preconceito que mata mais que a própria “obesidade” anunciada por eles. É urgente o desenvolvimento de pesquisas sobre o corpo

gordo brasileiro na comunidade acadêmica, como já existem em outros países (os fat studies, por exemplo), para um entendimento epistemológico da construção de discursos de saúde, fundamentados em bem-estar e vida saudável, mas que, verdadeiramente, em nosso mundo capitalista, os interesses sempre são de impérios empresariais que manipulam nossas investigações científicas. Estamos colapsando ao apoiar a ideia construída pelo discurso biomédico. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2021, p.157).

Esta medicina que salva vidas e condena outras por interesses mercadológicos das empresas farmacêuticas e de insumos médicos que patrocinam pesquisas e pressionam por uma mercadorização da saúde.

Se saúde é um direito humano, porque este direito é negado para os corpos gordos?

Nos hospitais, consultórios, clínicas e entre a maioria dos profissionais da saúde, o corpo gordo é tratado como doente e incapaz, mesmo antes de qualquer diagnóstico. Existe uma preconceção de que o corpo gordo é enfermo, ou seja, de que toda pessoa gorda já é debilitada, por conta de sua condição corporal. Dessa forma, qualquer queixa do paciente gordo, geralmente vem acompanhada da conotação de que a culpa é dele mesmo por ser gordo. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020)

Como podemos observar são inúmeros mecanismos utilizados pelo fascismo global dominado pelos grandes conglomerados empresariais que articulam-se em negar a ação do estado para garantir os direitos fundamentais para todos os corpos gordos, ao controlar as relações de poder dentro do espaço geográfico impede que milhões de pessoas vivam dignamente, sendo condenados a transforma-se em corpos desejáveis pelo modelo Macho-Fascista-capitalista global, também entendemos que a luta contra a gordofobia é uma luta contra o fascismo hegemônico global.

## 2. Considerações Finais

Assim como no passado, o poder utiliza diferentes saberes científicas para legitimar seu discurso, para roubar, matar, encarcerar e doutrinar corpos com aval da ciência, patrocinadas pelo poder Patriarcado-Macho-Fascista, hoje este impõe uma padronização da sociedade consumista, um fascismo global sustentado por um conglomerado mediático que propaga a verdade sustentada em um mito técnico-

científico, que fará qualquer coisa para modelar os corpos a sua imagem e semelhança: produtivos, obedientes e servis.

Neste sentido existe uma estruturação fascista em muitos os saberes científicos que estão alinhadas com a ideia do inimigo interno, estes inimigos que atentam contra a ideia meritocrática da perfeição, aqueles corpos periféricos que não se ajustam aos padrões fascistas na neo-frenologia do IMC, que não querem aceitar a mutilação de seus corpos com bariátricas, que atentam contra a ideia –Patriarcado-Macho-Fascista de mundo, serão estigmatizados, invisibilizados, vigiados e punidos.

Se a ciência da saúde em geral, principalmente após o século XIX tem sido fascista, no que cabe a classificação, criminalização e construção de doenças em corpos que não se encaixam na heteronormatividade fará todo o possível para domesticar os corpos gordes e periféricos.

Importante lembra que a geografia destaca em sua categoria de análise de espaço geográfico, as relações de poder e a relação de todes com o meio, sendo assim nessa análise destacamos à partir dessa construção de análise de espaço, que o fascismo estrutural e institucional atenta contra todes os corpos não alinhados a hegemonia Patriarcado-Macho-Fascista de mundo, assim o espaço habitado criado pelo macho atua como prisão, com ambientes repressivos que condenam os corpos gordes a se lembrarem que não cabem no espaço tanto físico, como social, assim como os agentes penitenciários de uma cadeia, a sociedade toma esse papel em perseguir esses corpos gordes, que serão assediados midiaticamente com o aval da ciência médica e do estado.

### **3. Referências bibliográficas**

COHEN, S. H. Folk devils & moral panics: the creation of the mods and rockers. London/New York: Routledge (2004).

G1.BOM DIA BRASIL. Sete em cada dez empresários no Brasil não querem empregar gordos. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/01/sete-em-cada-dez-empresarios-no-brasil-nao-querem-empregar-gordos.html>.

HARJUNEN, H. Neoliberal Bodies and the Gendered Fat Body. Oxon/New York: Routledge. (2017).

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria, Luisa. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos.** 2020. Doutorado (Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO) - Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, MT, Brasil. Disponível em: <http://lutecomoumagorda.home.blog/tese-de-doutorado-lute-como-uma-gorda-gordofobias-resistencias-e-ativismos/>

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria, Luisa. **Gordofobia: Injustiça epistemológica sobre corpos gordos.** Revista Epistemologias do Sul - UNILA, v. 4, n. 1, ano 2021. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643/2534>. Acesso em 11 de. 2021.

LUGONES, María. Colonialidad y género. Tabula rasa, n. 09, p. 73-101, 2008

MIGNOLO, Walter D. " **Un paradigma otro**": **Colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitanismo crítico.** Dispositio, v. 25, n. 52, p. 127-146, 2005.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Datos y Cifras. 10 datos sobre la obesidad,** disponível em:<<https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/obesity-and-overweight>> acesso em 16. Ago 2021

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social.** Contextualizaciones latinoamericanas, n. 5, 2015.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder:** antología esencial. Clacso, 2014

QUIJANO, A. A colonialidade de poder, eurocentrismo e América Latina. In: Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** Edusp, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo; RAGO, Margareth. **Para uma vida não-fascista. Autêntica,** 2017.

WOLF, Naomi. **The beauty myth: How images of beauty are used against women.** Random House, 2018.